

Novo aumento dos combustíveis

Pela 11ª vez neste ano, a Petrobras decide pelo aumento dos combustíveis, isso apenas 17 dias após o último acréscimo. O reajuste anunciado é de 7,04% para a gasolina e 9,15% para o diesel, no ano a gasolina já acumula alta de 73% e o diesel, 65,3%. O último reajuste da gasolina ocorreu dia 09 de outubro, e o aumento foi de 7,2%. Já o diesel teve alta de 8,89% no dia 28 de setembro.

Esse reajuste, anunciado na segunda-feira (25/10) traz impactos não só na vida do consumidor, mas vem como mais desestímulo à produção. A atividade industrial, que segue abalada pelas paralisações impostas pela pandemia da Covid 19, sofre por duas frentes o aumento no preço dos combustíveis. Por um lado, esse aumento traz queda no poder aquisitivo da população, segundo o IPCA (Índice de Preço ao Consumidor Amplo) a gasolina está 39,6% mais cara para o consumidor final, e como reflexo tem-se queda na demanda. E por outro lado, o custo da produção fica mais alto, com o encarecimento do frete, impactando toda a cadeia produtiva.

Em Goiás, a indústria de transformação já amarga queda de 4,7% no acumulado do ano, e um aumento nos custos agora tende a impactar ainda mais esse resultado. O custo do transporte pode chegar a 25% do custo do produto final, e o efeito vem em cascata, desde o acesso às matérias-primas, até o escoamento da produção. Considerando que em Goiás, a industrialização está bastante ligada ao agronegócio, o aumento dos combustíveis vai se sobrepondo desde o campo até a etapa final da produção, num efeito dominó.

O aumento dos custos de produção, advindos pelo aumento dos combustíveis, traz o risco de novas quedas no emprego industrial, numa tentativa de conter o aumento dos custos e a queda dos lucros. Mais de 90% das indústrias goianas são de pequeno porte, e essas empresas acabam não tendo margem e força para assimilar esse aumento. Para algumas dessas empresas, o aumento

acumulado no custo de transporte pode impactar em até 40% o custo do produto final, e na atual conjuntura econômica o mercado consumidor também não consegue assumir esse custo. A inflação já ultrapassa os dois dígitos, 10,25% nos últimos doze meses, a queda do poder aquisitivo é cada vez mais significativa, o que leva a uma queda na demanda, e com isso, uma dificuldade ainda maior na recuperação da atividade industrial impactada pelas sucessivas crises econômicas pelas quais o país tem passado.

Januária Guedes

Fieg/Cotec – Área Econômica